

Arqueologia & História

volume nº 60-61 | 2008-2009

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



*Materials para
um Livro Branco
da Arqueologia
Portuguesa*



Uma primeira leitura sobre a ocupação pré-histórica do sítio Monte da Barrada II (Alfundão, Ferreira do Alentejo)

*César Augusto Neves*¹

1. Introdução

O sítio arqueológico Monte da Barrada II foi identificado durante a execução do acompanhamento arqueológico realizado no âmbito do projecto “Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Alfundão”, desenvolvido pela EDIA S.A.

Aquando da abertura da vala para a colocação de uma conduta de água, foram identificadas, centradas no eixo da futura conduta, três manchas de terra, de forma circular, em negativo no substrato geológico.

¹ Arqueólogo – Crivarque, Lda. – c.augustoneves@gmail.com

Esta situação de contextos arqueológicos identificados no decorrer do acompanhamento arqueológico já estava prevista no Relatório de Conformidade Ambiental deste Projecto (RECAPE):

“Caso sejam identificados outros vestígios arqueológicos na fase de acompanhamento da obra, na área a intervir, estes implicam a definição de um plano de trabalhos complementares, correspondendo a medidas de sondagem, escavação e registo, que deverão compreender um cronograma específico, definido de forma a permitir o estudo e tratamento apropriado dos vestígios e, simultaneamente, minimizar custos e contratempos ao desenvolvimento do Projecto” (Matos, Fonseca & Associados, 2008, p.29).

De igual modo, os responsáveis pelo RECAPE, conscientes que este tipo de realidade arqueológica não é, facilmente, detectável à superfície, e que têm vindo a ser, com frequência, identificadas em espaços adjacentes, alertaram as futuras equipas de arqueologia, que iriam fazer o acompanhamento arqueológico, para este tipo de contextos:

“Salienta-se que o acompanhamento arqueológico de obra associado a outros projectos do EFMA, tem permitido identificar arqueossítios constituídos por estruturas negativas (realidades escavadas no substrato rochoso), que não são reconhecíveis através de indicadores de superfície. Tal teve lugar no

âmbito da empreitada do Bloco de Rega do Pisão que se desenvolve a nascente dos Blocos de Rega de Alfundão e respectiva Adução.

Trata-se de uma tipologia de vestígios para a qual a equipa de acompanhamento arqueológico de obra deverá estar particularmente sensibilizada e a observação das mobilizações de solos deve ser particularmente minuciosa.” (Matos, Fonseca & Associados, 2008, p.29).

Afim de se registar e caracterizar eventuais níveis arqueológicos conservados, o IGESPAR determinou a realização de três sondagens, cada uma correspondente a uma possível estrutura arqueológica. A execução destas medidas de minimização ficou a cargo da empresa Crivarque, Lda., tendo sido o signatário o responsável científico pela mesma.

A escavação arqueológica no Monte da Barrada II realizou-se nos dias 1 e 2 de Outubro de 2009.

2. Enquadramento

Localização Administrativa e Geográfica

O sítio arqueológico Monte da Barrada II localiza-se, administrativamente, em Portugal, na freguesia de Alfundão, concelho de Ferreira do Alentejo e distrito de Beja. A área intervencionada localiza-se na Carta Militar de Portugal, na folha nº 509 à escala de 1:25000 (Fig.1).

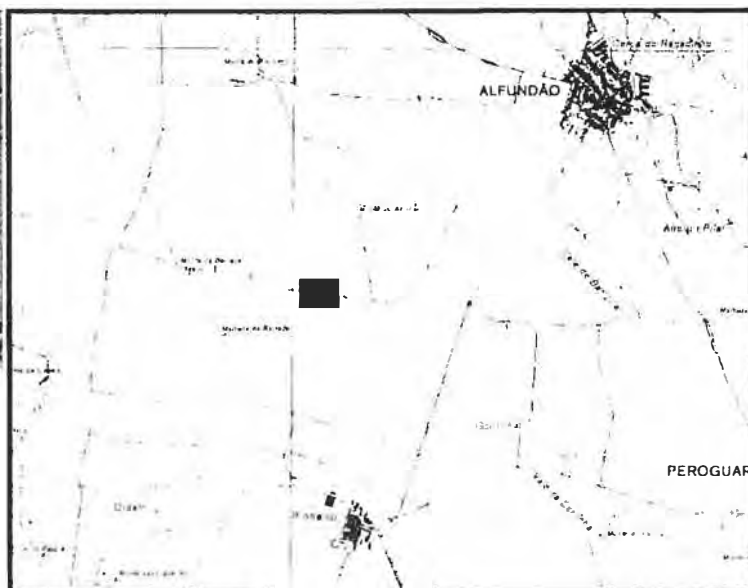


Fig. 1 Localização do Monte da Barrada II na Península Ibérica e CMP 1:25 000, nº 509. Serviços Cartográficos do Exército.

As coordenadas correspondentes, no Datum Lisboa, são:

M – 204152, 872

P – 126574, 882

A – 115, 387

Geologia e Geomorfologia

A área estudada, localizada na bacia hidrográfica do Rio Sado, fica situada no sul de Portugal continental, na região do Baixo Alentejo. O relevo tem as características gerais da peneplanície alentejana, aplanadas ou ligeiramente ondulado, esporadicamente interrompido por zonas um pouco mais acidentadas constituindo relevos de dureza residuais (FEIO, 1951).

Geomorfologicamente, o sítio Monte da Barrada II implanta-se em plena peneplanície alentejana, unidade fundamental do relevo, encontrando-se, nesta zona, levemente dissecada pela rede hidrográfica.

Do ponto de vista geológico enquadra-se no denominado Maciço de Beja, na unidade do Complexo Plutono – Vulcânico de Odivelas, que é constituída pelo Complexo Básico de Odivelas e dos pelos Gabros de Beja. O sítio encontra-se numa zona de contacto entre estas duas unidades, desenvolvendo-se mais intensamente nos Gabros de Beja, constituídos por gabros e anortositos cumulados. O Complexo Básico de Odivelas é constituído nesta zona por basaltos e diabases, estando a sua distribuição e localização correcta um pouco indefinida. No entanto, o espaço intervencionado assenta sobre formações de calcários brandos, esbranquiçados e pulverolentos, que facilmente se escavam e permitem a elaboração de contextos estruturais negativos.

Na realidade, para esta zona do maciço de Beja apenas as grandes unidades estão estabelecidas, sendo os seus limites no terreno variáveis e a caracterização específica difícil de realizar, isto devido à ausência de cartografia mais detalhada (disponível, apenas, à escala 1: 200 000).

O Monte da Barrada II localiza-se numa vasta área plana, sem acidentes geográficos de grande expressão, nem condicionantes visuais. A Norte localiza-se a linha de água mais próxima, ou seja, a



Fig. 2 Monte da Barrada II antes da escavação. Área a intervencionar enquadrada com a vala do futuro sistema de rega.

Ribeira do Alfundão.

Condições do sítio antes do início dos trabalhos

No início dos trabalhos encontrava-se, somente, a vala aberta, sem a definitiva tubagem colocada no interior. Desta forma, em virtude dos trabalhos arqueológicos aqui descritos, os trabalhos de obra ficaram, nesta zona, suspensos. É de difícil apreensão qualificar o grau de destruição nas estruturas arqueológicas, ocorrido durante a abertura da vala. Esta situação prende-se com o facto de duas possíveis estruturas estarem no meio da vala, não tendo nenhum corte da vala que auxiliasse à confirmação estratigráfica que assegurasse o grau de destruição ou a ausência deste (Fig.2). Não se observaram quaisquer materiais arqueológicos à superfície nem nos montes de terra correspondentes à abertura da vala nesta área.

Na área envolvente observaram-se terrenos intensamente cultivados, com recurso a adubos

químicos provocando uma grande alteração do solo. Assim, apesar de não existirem construções antrópicas directamente sobre o sítio, este encontrava-se afectado por actividade agrícola.

3. Descrição dos trabalhos: metodologia e caracterização estratigráfica

Os principais objectivos da intervenção foram os seguintes:

- Escavação manual e integral de três possíveis estruturas negativas;
- Determinar a existência e grau de conservação de contextos estratigráficos, sequências de ocupação humana e estruturas, conservados *in situ*;
- Registo dos níveis e/ou estruturas arqueológicas identificadas e devida caracterização;
- Integrar crono-culturalmente os vestígios, nomeadamente, através do estudo dos materiais arqueológicos exumados no decorrer da intervenção;
- Determinar as medidas mais apropriadas para protecção/minimização de impactes negativos subsequentes.

Foram implantadas três sondagens, cuja área total correspondia a 10m².

Sondagem	Dimensão (m)
1	1,5 x 1,5
2	1,5 x 1,5
3	2 x 2

Quadro 1 Sondagens arqueológicas

A escavação do Monte da Barrada II foi realizada segundo o princípio da estratigrafia de *Harris*, ou seja, por unidades estratigráficas (escavação de camadas, interfaces arqueológicas e estruturas, seguindo uma lógica inversa ao seu processo de formação, ou seja, a última camada arqueológica a formar-se foi a primeira a ser decapada) (Harris, 1991; Harris, *et al.*, 1993).

Todas as unidades estratigráficas foram registadas através do preenchimento de uma ficha adequada ao método proposto e fotografadas em formato

digital.

As unidades estratigráficas foram, igualmente, registadas graficamente, realizando-se os desenhos de todos os planos de depósitos, estruturas, alçados e perfis estratigráficos, à escala 1:20, sempre com a indicação das cotas altimétricas.

A implantação das áreas de escavação, assim como todos os pontos altimétricos e registos topográficos efectuados, foram realizados com o apoio de uma equipa de topografia.

Descrição estratigráfica:

As sondagens foram implantadas na área balizada pela empreitada, entre os dois troços de vala totalmente aberta. Nestas zonas de vala já aberta, nos espaços envolventes, não se visualizavam qualquer tipo de estruturas ou materiais arqueológicos.

Astrês sondagens arqueológicas foram implantadas consoante as eventuais estruturas arqueológicas identificadas pelo acompanhamento arqueológico. A forte probabilidade dos vestígios arqueológicos corresponderem a estruturas negativas escavadas no substrato geológico, levou a EDIA, S.A. e IGESPAR a enquadrá-las em sondagens arqueológicas que possibilitassem um espaço suficiente para a sua integral escavação, sem, se possível, extravasar os limites físicos da vala da conduta de rega.

As sondagens 1 e 2 correspondem às estruturas que se encontravam centradas no eixo da conduta, no meio da vala. A sondagem 3 corresponde à estrutura que estava, em grande parte, no corte Norte.

Sondagem 1 e 2

A sequência estratigráfica destas duas sondagens foi idêntica, bem como os resultados daí obtidos, razões pelas quais se optou por apresentá-las em conjunto. Nestas sondagens não foi identificado nenhum nível ou material arqueológico.

A sua escavação permitiu observar a existência de duas estruturas negativas escavadas no substrato geológico, sendo que o topo destas, identificado no acompanhamento arqueológico, encontrava-se a cerca de 80cm de profundidade da superfície actual. No geral, a estratificação observada e registada foi a seguinte:

- UE [100] (Sondagem 1) / Fossa 1 - Estrutura



Fig. 3 Sondagem 3. Implantação entre a área de afectação e o talude Norte da vala.



Fig. 4 Sondagem 3. UE [300] – Plano Final.

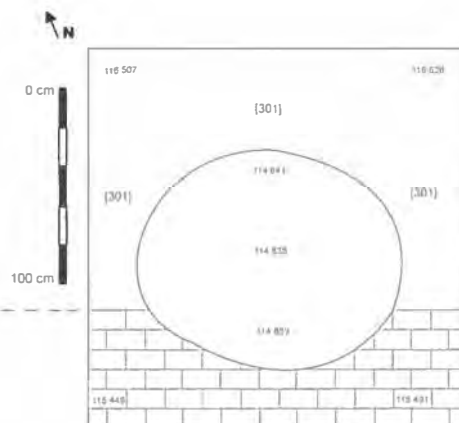
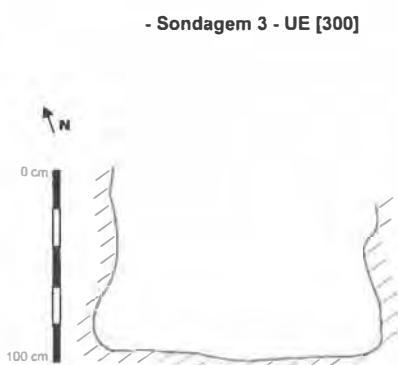
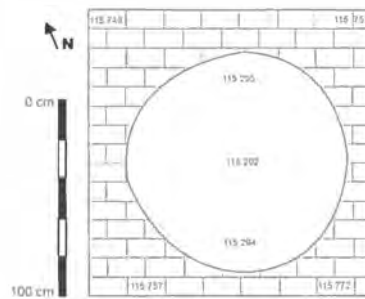
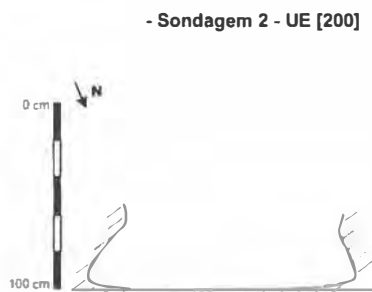
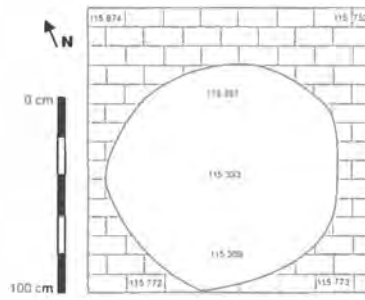
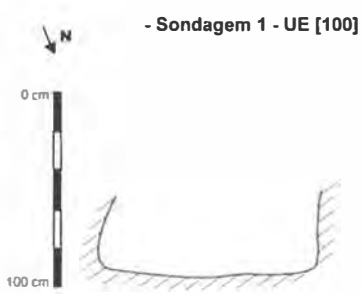


Fig. 5 Monte da Barrada II – Perfis e plantas das fossas intervenionadas.

VALA DE OBRA - EDIA S.A.

negativa escavada no substrato geológico por acção antrópica. Com cerca de 46cm de profundidade, apresentava uma tipologia em forma de “saco” com o fundo plano. Trata-se de uma fossa de planta circular, com alguma irregularidade na boca e nas paredes. A sua largura máxima não excedia 1,2m. Tendo em conta que foi detectada no decorrer da abertura da vala por meios mecânicos pesados, e por se encontrar no centro da vala, é de crer que já estivesse ligeiramente destruída. Desta forma, a sua dimensão, à data da escavação, não seria a dimensão original (Fig.5).

- **UE [101] (Sondagem 1)** - Depósito. Camada de matriz areno-argilosa, semi-compacta, de cor castanho-escuro, com uma potência sedimentar de 45cm de profundidade. Apresenta escassos elementos pétreos de pequena dimensão e uma total ausência de materiais arqueológicos. Não foi observada qualquer afectação ao nível de bioturbação animal e vegetal. Esta UE preenche a totalidade da UE [100].

- **UE [200] (Sondagem 2) / Fossa 2** - Estrutura negativa escavada no substrato geológico por acção antrópica. Com cerca de 44cm de profundidade, apresentava uma tipologia em forma de “saco” com o fundo plano. Trata-se de uma fossa de planta circular, com perfil troncocónico, alguma irregularidade na boca, bem como o seu estreitamento nos primeiros 5 a 10cm. A sua largura máxima não excedia 1,4m. Tal como foi observado na UE [100], por ter sido identificada no decorrer da abertura da vala, e por se encontrar no centro desta, é de crer que já se encontrasse, ligeiramente, afectada. De igual modo, a sua dimensão, à data da escavação, não seria a dimensão original (Fig.5).

- **UE [201] (Sondagem 2)** - Depósito. Camada de matriz areno-argilosa, semi-compacta, de cor castanho-escuro, com uma potência sedimentar de 44cm de profundidade. Apresenta escassos elementos pétreos de pequena dimensão e é estéril do ponto de vista arqueológico. Não foi observada qualquer afectação ao nível de bioturbação animal e vegetal. Esta UE preenche a totalidade da UE [200].

Sondagem 3

A sondagem 3 foi implantada, quase na sua tota-

lidade, no talude Norte da vala. A estrutura estava quase fora dos limites da afectação da vala (Fig.3). Desta forma, tendo em vista a sua escavação, caracterização e definição dos limites físicos, foi necessário, numa primeira fase, remover, por meios manuais, o sedimento pertencente ao coberto vegetal existente na actual superfície desta área. Finda esta acção, procedeu-se à escavação manual da estrutura negativa até à total remoção do sedimento existente no seu interior.

Em virtude dos vestígios arqueológicos observados e recolhidos, a escavação teve um ritmo mais lento, pois foram definidos e registados planos com materiais arqueológicos.

No geral, a estratificação observada e registada durante a escavação da Sondagem 3 foi a seguinte:

- **UE [300] / Fossa 3** - Estrutura negativa escavada no substrato geológico por acção antrópica. Com cerca de 1m de profundidade, apresentava uma tipologia em forma de “saco” com o fundo plano. Trata-se de uma fossa de planta circular, com alguma irregularidade na boca e nas paredes. A sua largura máxima não excedia 1,5m (Fig.4 e 5). Ao contrário do verificado na UE [100] e [200], por ter sido, parcialmente, intervencionada em corte, a sua profundidade observada deverá corresponder à dimensão original.

- **UE [301]** - Depósito. Camada de matriz argilosa, compacta, de cor castanho-escuro, com uma potência sedimentar de 40cm de profundidade. Não foi observada qualquer afectação ao nível de bioturbação animal e vegetal. Apresenta uma total ausência elementos pétreos. Foram registados materiais arqueológicos (cinco fragmentos de cerâmica) Esta UE preenche a UE [300] e cobre a [302].

- **UE [302]** - Depósito. Camada de matriz argilosa, compacta, de cor castanho-escuro, com uma potência sedimentar de cerca de 60cm de profundidade. Não foi observada qualquer afectação ao nível de bioturbação animal e vegetal. Apresenta uma frequência relativa de elementos pétreos de pequena e média dimensão.

A característica principal que distingue esta unidade da [301] é a presença significativa de materiais arqueológicos. Com uma homogeneidade cultural, os materiais arqueológicos observados

(cerâmica na sua quase totalidade), encontravam-se depositados bem próximo da base da estrutura, ligeiramente acima do substrato geológico (Fig.6). Os fragmentos cerâmicos apresentavam-se em excelente estado de conservação e com um tamanho bastante considerável. Esta UE é coberta pela a UE [301] e preenche a [300].

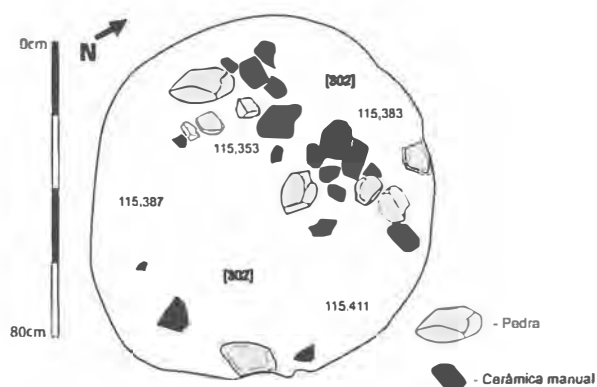


Fig. 6 Sondagem 3 – UE [302].

4. Descrição dos materiais arqueológicos

Em virtude de não se ter recuperado qualquer elemento orgânico que permita a realização de datações absolutas, será a partir da análise tecnotipológica da cultura material que se classificará, crono-culturalmente, a ocupação do Monte da Barrada II.

O espaço exíguo da intervenção permitiu o registo de um conjunto artefactual de pequena dimensão que, embora ateste com segurança um episódio ocupacional, não proporciona uma observação mais alargada de sítios com espólio artefactual crono-culturalmente paralelo.

O espólio arqueológico registado no decorrer da escavação do Monte da Barrada II caracteriza-se pela sua homogeneidade. Esta homogeneidade está presente, principalmente, desde do espaço onde foi recolhido (Sondagem 3 e estrutura [300]) ao tipo de categoria artefactual, onde existe um claro predomínio de fragmentos de recipientes cerâmicos (90 fragmentos), em contraste com um elemento de moagem em granito.

Trata-se de um conjunto quantitativamente expressivo, sobretudo face às reduzidas dimensões

da estrutura de onde foi recolhido. No geral, os materiais arqueológicos apresentam-se em bom estado de conservação e com dimensões significativas que permitem uma reconstituição formal de grande fiabilidade.

Ao nível do espólio lítico, este refere-se, exclusivamente, à presença de um fragmento de movente em granito. Afeiçãoado numa das faces, trata-se de um artefacto conectado com actividades do quotidiano doméstico, nomeadamente ao nível da fariinação de cereais.

A cerâmica caracteriza-se por ser de produção manual e por não apresentar um tratamento muito cuidado das superfícies, quer interna, quer externa. A maioria não foi alvo de qualquer tipo de tratamento, afigurando-se como tocas, sendo escassos os recipientes em que as superfícies (principalmente interna) foram alvo de alisamento.

As pastas são, na sua maioria, pouco compactas e compactas, apresentando elementos não plásticos (e.n.p.) em número abundante e razoável. Quanto à dimensão destes últimos, a presença conjunta de e.n.p. de pequeno, médio e de grande calibre é o registo mais comum observado no conjunto.

O já referido estado de conservação aliado à considerável dimensão de muitos dos fragmentos possibilitaram a realização de algumas colagens, mas é possível que outras mais possam ser feitas, mas numa fase mais avançada do tratamento e estudo do espólio. São claras as associações a muitos bojos recolhidos, e também entre bordos (que foram diferenciados, para efeitos do Relatório Final, em número de inventário por não colarem), demonstrado que, em termos de número mínimo de recipientes, este não deverá exceder os 17 recipientes (Quadro 2).

Quanto à morfologia dos recipientes, estão presentes as taças em calote, os esféricos ou globulares, os vasos de fundo esférico achatado e plano, as taças semi-esféricas, os pratos (simples e de bordo espessado) e um pote de grandes dimensões (Quadro 2 e Fig.7). Perante um conjunto tão pequeno, a realização de leituras de carácter percentual terá um significado cultural e científico de curto alcance. Ainda assim, regista-se o predomínio das taças em calote, dos globulares e

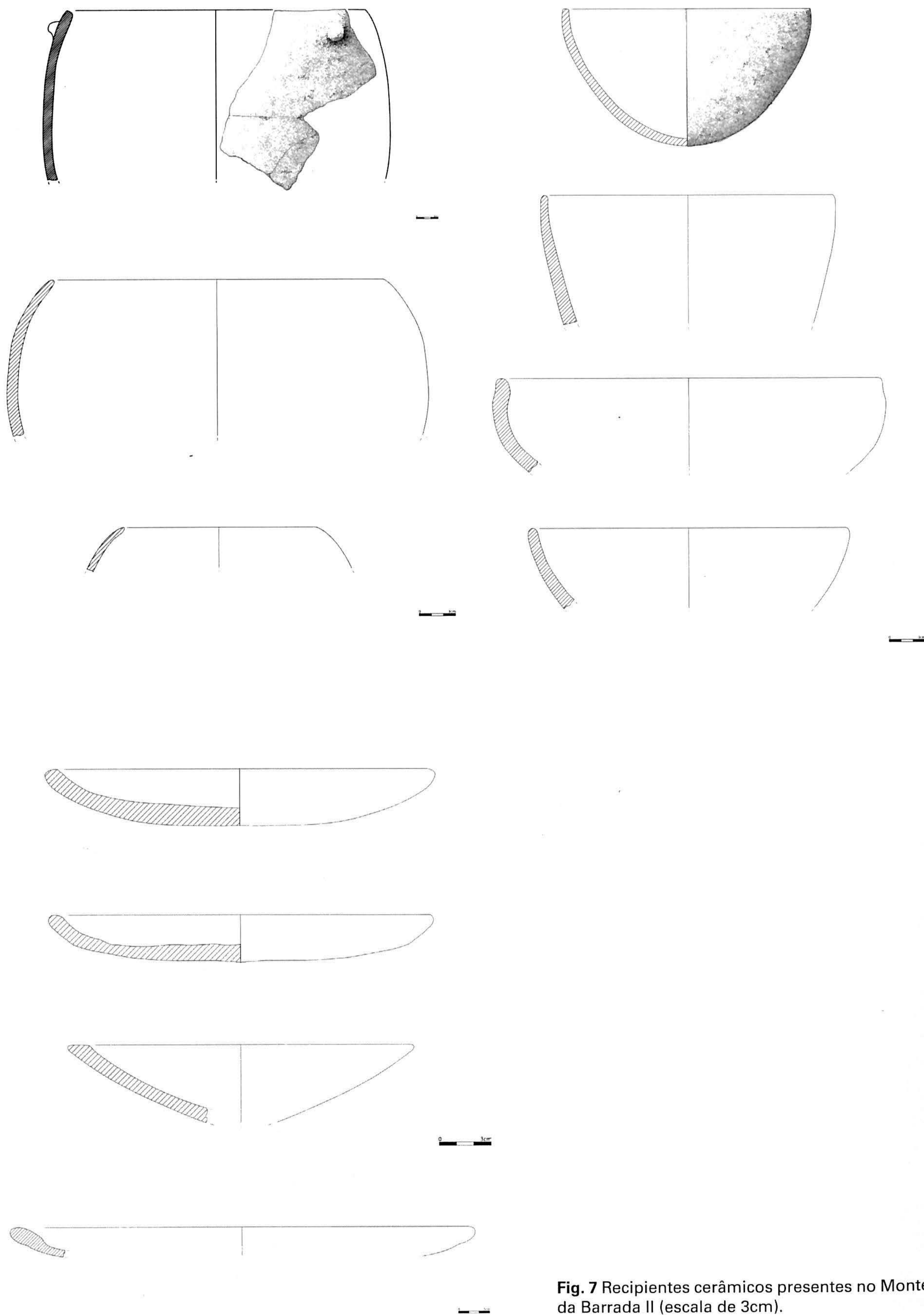


Fig. 7 Recipientes cerâmicos presentes no Monte da Barrada II (escala de 3cm).

dos vasos de fundo esférico achatado e plano. No sentido inverso, observa-se uma presença menos expressiva dos pratos (um de bordo espessado e um simples) e das taças semi-esféricas.

Este conjunto destaca-se pela presença, quase exclusiva, de cerâmica lisa, existindo, somente, um recipiente com uma aplicação plástica, podendo esta deter uma funcionalidade relacionada com o manuseamento do vaso e não um cariz, meramente, decorativo. Trata-se de um grande pote de armazenagem com um mamilo abaixo do bordo. Em ocupações onde a atribuição crono-cultural depende, fundamentalmente, de factores de ordem artefactual, este tipo de elemento pode adquirir uma importância determinante.

Embora só um recipiente tenha sido, de forma clara, classificado tipologicamente como de “grandes dimensões”; no entanto, a presença de mais elementos deste tamanho, no conjunto, deverá ser mais efectiva. Foram identificados diversos bojos que, pelas dimensões e espessura, correspondem a grandes vasos que poderão ter tido uma funcionalidade relacionada com a armazenagem de alimentos ou líquidos.

O conjunto registado apresenta-se limitativo para a definição crono-cultural e da natureza ocupacional deste sítio. Se, por um lado, existem elementos artefactuais que convergem para um determinado espaço temporal e cultural, por outro lado, a ausência de artefactos relacionados com a indústria de pedra lascada e pedra polida, aliados à inexistência de testemunhos directos do subsistema económico adoptado, dificulta a caracterização funcional e cronológica destas estruturas e respectiva ocupação.

5. Monte da Barrada II: primeiras leituras acerca da intervenção arqueológica

A intervenção arqueológica no Monte da Barrada II permitiu identificar e caracterizar um pequeno núcleo de três estruturas negativas que, pela sua tipologia, poderão ter sido feitas num mesmo espaço crono-cultural (Fig.8). No entanto, esta parece ser a única explicação para um suposto paralelismo cronológico entre elas. A escavação das fossas 1 e 2 não revelou nenhum dado arqueológico que permitisse a caracterização da funcionalidade das respectivas estruturas. A ausência total de materiais arqueológicos, restos faunísticos, matéria orgânica

Quadro 2

Monte da Barrada II – Recipientes Cerâmicos – Inventário Geral					
Tipos	UE [301]	UE [302]	Aplicação plástica (e.p.s.)	Total Fragmentos	Total Recipientes
Taça em calote	-	X	-	9	5
Vaso de fundo esférico achatado e plano	-	X	-	3	3
Vaso globular	-	X	-	8	4
Taça semi-esférica	-	X	-	8	2
Prato de bordo espessado	X	-	-	1	1
Prato	-	X	-	2	1
Vaso de grandes dimensões	-	X	Mamilo cónico	4	1
Indeterminados	X	X	-	55	-
Total				90	17



Fig. 8 Vista geral das fossas após a sua escavação.

e vestígios osteológicos impossibilita a definição funcional das estruturas não se aferindo, por exemplo, se correspondiam a silos (associados a armazenagem de cereais ou outro alimento do subsistema económico). Desta forma, a nomenclatura de fossa, é a menos susceptível de estar errada, embora não seja de descurar a possibilidade de terem tido estes dois tipos distintos de funcionalidade.

No que diz respeito à Fossa 3, os dados são mais significativos, contendo um conjunto de informação mais esclarecedor. A presença de material arqueológico nos dois depósitos de enchimento registados, onde se destaca a presença maioritária de cerâmica manual em contraste com um único elemento de moagem em granito, colocará, mediante critérios meramente tipológicos e tecnológicos, este episódio ocupacional entre a 2ª metade do IV milénio e os inícios do III milénio AC, num momento cultural entre o Neolítico Final e o Calcolítico Inicial. Esta baliza crono-cultural ligeiramente ampla e a dificuldade em definir com maior rigor o episódio ocupacional decorrem pela presença, no conjunto, de materiais arqueológicos tradicionalmente enquadrados nos dois espaços culturais.

O predomínio de vasos globulares, taças em cantele e, principalmente, a presença de um recipiente com uma pega/mamilo coloca este conjunto com

uma clara afinidade com o Neolítico Final. No que diz respeito aos vasos associados a mamilos, a sua existência é frequente dos contextos enquadrados neste espaço cultural, nomeadamente em povoados. Na área envolvente ao Monte da Barrada II, estão documentados no povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), com os seus autores a integrá-los na 2ª metade do IV milénio AC (Valera e Filipe, 2004, p.38). A frequente associação deste tipo de elementos artefactuais às taças carenadas reforça a definição cronológica no Neolítico Final (Lago e Albergaria, 2001, p.58; Valera e Filipe, 2004, p.38).

No entanto, o conjunto cerâmico do Monte da Barrada II não forneceu qualquer fragmento de taça carenada, detendo, “em oposição” um prato de bordo espessado e um prato sem espessamento do bordo. A presença destes elementos artefactuais nos conjuntos cerâmicos tem vindo a funcionar, à semelhança das taças carenadas e vasos mamilados (estes para o Neolítico Final), como elementos datantes, mas, neste caso, para o Calcolítico Inicial, visto que ocorrem em significativa percentagem nos conjuntos arqueológicos recolhidos em povoados desta cronologia (Gonçalves, 1989; Calado, 2001). A definição cultural e funcional do prato de bordo espessado tem possibilitado um conjunto de leituras interpretativas que

enquadram a sua presença em estrita relação com a ausência das taças carenadas. Ainda assim, esta situação tem sido, invariavelmente, questionada quando analisadas as percentagens dos espólios arqueológicos onde aparecem os dois elementos em conexão estratigráfica.

Desta forma, seguindo a linha orientadora acima referida, em ocupações onde, no registo arqueológico, predominam os pratos (bordo simples e espessado), em oposição à ausência ou às baixas percentagens de taças carenadas e globulares com mamilos ou pegas, como são o caso do Mercador (Mourão) e Porto Torrão, os autores responsáveis enquadram-nos no Calcolítico Inicial e/ou Pleno (Valera e Filipe, 2004, p.39; Valera, 2001, p.52).

O espólio identificado poderá funcionar como um claro indicador da funcionalidade desta estrutura. No entanto, o facto de ser pouco heterogéneo e pouco diversificado (destacando-se a ausência de elementos ao nível pedra lascada, pedra polida e de actividades do quotidiano, como os pesos de tear) limita um pouco as leituras que daqui se possam desenvolver.

O conjunto cerâmico apresenta alguns paralelos com o mundo funerário, demonstrando afinidades com os espólios votivos e dolménicos conhecidos, por exemplo, no Megalitismo de Reguengos de Monsaraz, nos ambientes funerários do povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) e nas grutas do Maciço Calcário Estremenho (Leisner, G e V, 1951; Gonçalves, 1992, 1999, 2001; Valera, *et al.*, 2000). Neste sentido, destacam-se as taças em calote, os vasos globulares, as taças semi-esféricas e os vasos de fundo esférico achatado e plano, estando estes últimos bem presentes no monumento funerário megalítico Gorginos 3, em Reguengos de Monsaraz (Leisner, G e V, 1951; Gonçalves, 1992, 1999, 2001). Desta forma, poder-se-ia avançar que estas estruturas teriam uma funcionalidade relacionada com um Espaço da Morte destas antigas sociedades agro-pastoris. A possibilidade de se tratar de um contexto funerário encontraria paralelos no povoado dos Perdigões, onde foram observadas deposições funerárias primárias em duas fossas, registando-se uma utilização colectiva dos respectivos sepulcros (Godinho, 2008, p.26).

No entanto, a realidade empírica remete-nos para a densidade significativa deste tipo de recipientes em contextos domésticos o que, aliado à ausência de espólio votivo como os artefactos de pedra polida (machados, enxós e goivas), placas de xisto, pontas de seta, geométricos, lâminas, artefactos em osso como os lagomorfos, adornos pessoais (pendentes, contas de colar, cabeças de alfinete), cerâmica com decoração “simbólica”, bem como a total ausência de restos humanos ou espólio osteológico, leva a crer que esta caracterização, como espaço funerário, pode apresentar algumas debilidades do ponto de vista científico.

As intervenções arqueológicas levadas a cabo no âmbito dos Blocos de Rega desenvolvidos pela EDIA, S.A., ou inseridas em projectos de investigação (como se verifica nos Perdigões e no Cabeço do Torrão), têm colocado à vista um número considerável de vestígios arqueológicos relacionados com este tipo de realidades estruturais. A diversidade cultural e cronológica tem sido frequente e está bem evidente no registo destes elementos estruturais com materiais arqueológicos crono-culturalmente inseridos na Pré-História recente, Proto-História e épocas históricas.

Se, por um lado, este tipo de estrutura relacionada ocorre em contextos com forte pendor simbólico e sagrado, como são os casos das deposições funerárias verificadas nos Perdigões e o enterramento de canideos documentado na Fossa 5 do sítio Corça 1 (Brinches, Serpa,) (Valera, Nunes e Costa, 2010, p.8), por outro lado, até à data, a maior evidência empírica remete para contextos de ocupação doméstica ou de habitat.

Em virtude da limitação espacial que uma acção de minimização, como aqui se descreve, impõe (valas com uma largura inferior a 5m), este tipo de realidade encontra-se, normalmente, desprovida de outras estruturas claramente reveladoras de um espaço habitacional. No entanto, a julgar pelo que se observa, por exemplo, nos Perdigões, Porto Torrão, Mercador e Cabeço do Torrão, a presença de agrupamentos de fossas não surge descontextualizado dos povoados onde residem os seus construtores e utilizadores. Estes sítios, essencialmente de cariz doméstico, contêm um conjunto significativo de

fossas que, a julgar pelo espólio aí depositado, são contemporâneas das ocupações pré-históricas aí documentadas (Valera e Filipe, 2004; Valera, 2001; Lago e Albergaria, 2001). Deste modo, a julgar por estes dados, aquilo que se tem vindo a observar nas intervenções de minimização, onde os conjuntos de fossas encontram-se “isoladas” de qualquer outro contexto, pode resultar de uma lacuna do foro arqueográfico e não de uma evidência empírica concreta.

Paralelamente a esta realidade, que tem vindo a conferir ao Alentejo interior um registo arqueológico que, lentamente, parece questionar e a alterar algumas leituras interpretativas acerca das estratégias de ocupação e povoamento das sociedades do Neolítico Final e Calcolítico no Centro e Sul da Península Ibérica, verifica-se que muitos destes agrupamentos de fossas surgem associados a recintos de fossos do mesmo âmbito crono-cultural.

A cerca de 4km do Monte da Barrada II encontra-se o povoado de grandes dimensões do Porto Torrão. As múltiplas intervenções arqueológicas levadas a cabo, além de confirmar uma densidade ocupacional desde do Neolítico Final até à Idade do Bronze, permitiram observar um número muito significativo de fossas em espaços entre fossos. A julgar pelos dados publicados (não contabilizando, desta forma, com a informação proveniente da “mega intervenção” arqueológica realizada no âmbito dos Blocos de Rega), foram registadas fossas de variadas dimensões e profundidades, de secção irregular, preenchidas com um ou mais depósitos (Valera e Filipe, 2004, p.36). O conteúdo desses depósitos (recipientes cerâmicos, pesos de tear, fauna e fragmentos de dormentes e mós) permitiu enquadrar, algumas fossas, no Neolítico Final e, outras, no Calcolítico Pleno (Valera e Filipe, 2004). A sua relação com os fossos não surge, somente, pela proximidade física mas, de igual modo, pela contemporaneidade cultural visível na componente artefactual que ambas realidades detêm.

A curta distância geográfica entre o Monte da Barrada II e o Porto Torrão, o paralelismo crono-cultural observado nos espólios e arquitecturas, a dimensão física e, acima de tudo, social e simbólica

que o Porto Torrão teve desde da 2ª metade do IV milénio AC, leva a crer que a ocupação do Monte da Barrada II não será autónoma do Porto Torrão. O Monte da Barrada II poderia, desta forma, corresponder a uma das diversas e complexas estratégias de ocupação, exploração e interacção com o território envolvente, praticadas pelas comunidades residentes no Porto Torrão. Se é a verdade que o parco espaço intervencionado e os resultados daí obtidos não permitem aferir com mais rigor a real dimensão e funcionalidade da ocupação do Monte da Barrada II, por outro lado, privar a sua interpretação de qualquer relação com a evidência empírica que o Porto Torrão contém, poderá assumir-se como um exercício com resultados científicos desprovidos de veracidade histórica.

O já referido povoado dos Perdigões é outro exemplo de um recinto de fossos que contém, nos espaços internos destes, vários agrupamentos de fossas. Com um espólio que as integra, na sua maioria, num momento pleno do Calcolítico regional, estas estruturas apresentam pouca profundidade (30 a 40cm), planta circular e preenchimentos com um ou mais depósitos (Valera, 2008a, p.18). O enchimento das fossas, até à data intervencionadas, apresentam diferenças significativas no que diz respeito à densidade artefactual, existindo, de igual modo, estruturas que são cortadas por outras mais antigas, revelando utilizações e construções distintas temporalmente (Valera, 2008b).

Nos Perdigões, pela dimensão espacial que detêm aliado aos projectos de investigação que têm permitido um número elevado de escavações arqueológicas e análise exaustiva dos dados recolhidos, constata-se a ambiguidade funcional que este tipo de estrutura tem demonstrado. À dimensão simbólica e funerária acima referida, acresce-se um conjunto de fossas de baixa profundidade, num espaço muito amplo mas que não evitou que se procedesse à sua construção em espaços antropizados, em momentos anteriores, por outras fossas, dificultando a sua interpretação (Valera, 2008b, p.26).

O Cabeço do Torrão (Elvas) e o Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa) são dois recintos de fossos com

algumas particularidades idênticas entre si. Além de estarem associados a grupos de fossas de cronologia paralelizável (Neolítico Final, no caso do Cabeço do Torrão e Neolítico Final e Calcolítico, no caso do Outeiro Alto 1), revelam uma coexistência física entre contextos domésticos e rituais. No Outeiro Alto 2, observaram-se espaços sepulcrais (hipogeus e deposições primárias em fossa) com um horizonte cronológico desde do Neolítico Final à Idade do Bronze, proporcionando, desta forma, a formulação de questões como continuidade, temporalidade e coexistência das diversas ocupações e/ou reocupações de um mesmo espaço, durante cerca de dois milénios (Valera e Filipe, 2010, p.54 e 55).

Relativamente ao Cabeço do Torrão, o recinto co-existe, geograficamente, com o recinto megalítico do Torrão e com a Anta 2 do Torrão, ficando por esclarecer se existe algum significado conjunto destas realidades, ou se é, somente, um espaço que foi palco de distintas ocupações, temporalmente separadas e de interpretação individual (Lago e Albergaria, 2001, p.44).

No que diz respeito ao paralelismo crono-cultural que o Cabeço do Torrão terá com o Monte da Barrada II, os depósitos de enchimento das fossas revelaram um conjunto de características semelhantes que importa destacar. As 14 fossas intervenionadas revelam dimensões na ordem dos 0,7m de profundidade e 1,4m de diâmetro. Observou-se, de igual modo, a presença de elementos pétreos de pequena e média dimensão, entre os quais alguns fragmentos de mós. Quanto ao espólio, além de mais diversificado, ocorre uma maior uniformidade crono-cultural, com os dados a caracterizarem a ocupação dentro do Neolítico Final. Neste sentido, regista-se, ao nível da morfologia dos recipientes cerâmicos, a presença significativa de esféricos ou globulares, alguns deles mamilados, taças em calote e taças carenadas (Lago e Albergaria, 2001, p.53). Estes dados detêm um significado mais expressivo face à ausência de elementos que permitam a obtenção de datações absolutas, em parte devido ao substrato geológico que, pelas suas características friáveis, contamina os sedimentos, impossibilitando a conservação de matéria orgânica (Lago e Al-

bergaria, 2001, p.44).

Os resultados obtidos no Cabeço do Torrão permitiram constatar a multifuncionalidade deste tipo de estruturas através do registo de deposições primárias de recipientes inteiros, revelando, desta forma, uma intencionalidade específica na sua utilização. No sentido oposto, em outras fossas, estruturalmente semelhantes, foram observados enchimentos com escassos vestígios de materiais arqueológicos, encontrando-se estes muito fragmentados e sem qualquer preocupação, aparente, na sua deposição claramente secundária (Lago e Albergaria, 2001, p.57).

Conclui-se, desta forma, que o Monte da Barrada II se define como um sítio constituído por estruturas negativas (na área da vala da conduta de rega), inseridas num espaço crono-cultural entre os finais do IV e os inícios do III milénio AC, segundo o critério de análise tipológica e tecnológica realizada sobre o espólio arqueológico observado na Fossa 3.

A ambiguidade funcional destas estruturas está relacionado, por um lado, com a escassa diversidade do espólio arqueológico registado e, por outro lado, com a limitação espacial deste tipo de trabalho (vala com pouca largura), sendo esta uma condicionante a ter em conta. Este tipo de estrutura de formação antrópica, geralmente, não aparece isolada, fazendo parte de um conjunto de estruturas idênticas com uma multifuncionalidade ainda longe de se caracterizar.

Deste modo, será determinante cruzar a informação daqui proveniente com a que está a ser produzida nas múltiplas intervenções desenvolvidas no âmbito da execução dos Blocos de Rega, em sítios de implantação semelhante, estejam eles caracterizados como sendo, por um lado, espaços de habitat ou, em oposição, espaços funerários.

Os resultados e as leituras que resultam da escavação arqueológica realizada no Monte da Barrada II, inserem-se em mais um contributo para a caracterização das distintas estratégias de ocupação por parte das sociedades de pastores e agricultores, dos finais do IV e inícios do III milénio AC, no sul do actual território português. Acresce-se a esta evidência, o facto de estar em consonância com um

número considerável de vestígios arqueológicos, ocorridos tanto no território envolvente como em outros espaços do interior alentejano, relacionados com estruturas tipo fossa escavadas no substrato geológico.

Bibliografia

CALADO, M. (2001) – Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia* 19, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.

FEIO, M. (1951) – “A evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve”. Lisboa, Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1951, p. 20-92

GODINHO, R. (2008) – “Deposições funerárias em fossa nos Perdígões”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA/ERA, Lisboa, p.29-34.

GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*, INIC/UNIARQ, Lisboa.

GONÇALVES, V. S. (1992) – Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz, INIC/UNIARQ, Lisboa.

GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz. Territórios Megalíticos*, Museu Nacional de Arqueologia, UNIARQ, Lisboa.

GONÇALVES, V. S. (2001) – “Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, nº 4.2, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p.115-206.

HARRIS, Edward C. (1991) – *Principios de Estratigrafia Arqueológica*, Editorial Critica, Barcelona

HARRIS, Edward C.; BROWN III, Marley e BROWN, Gregory (1993) – *Practices of Archaeological Stratigraphy*, Academic Press

LAGO, M. e ALBERGARIA, J. (2001) – “O Cabeço do Torrão (Elvas): Contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano”, *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, nº4, Colibri, Lisboa, p.38-63.

LEISNER, G. e V (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Reeditado pelo INIC/UNIARQ, (1985), Lisboa.

MATOS, FONSECA & ASSOCIADOS (2008) – *Relatório de Conformidade Ambiental do Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Alfândão e Respectiva Adução*, Anexo 9 – Património: Apêndice 9.1, Relatório Final, EDIA, S.A.

OLIVEIRA, J.T. (1992) – “*Carta Geológica de Portugal 1/200000, folha n.º8*”. Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

VALERA, A.C., et al. (2000) – “Ambientes Funerários no Complexo Arqueológico dos Perdígões”, *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, nº2, Colibri, Lisboa, p.28-61.

VALERA, A. C., et al. (2001) – “A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador”, *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, nº3, Colibri, Lisboa, p.42-57.

VALERA, A. C. (2008a) – “Intervenção arqueológica de 2007 no interior do Recinto Pré-Histórico dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz) *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 1, NIA/ERA, Lisboa, p.15-22.

VALERA, A. C. (2008b) – “Recinto Calcolítico dos Perdígões: Fossos e Fossas do Sector 1”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA/ERA, Lisboa, p.19-27.

VALERA, A. C., FILIPE, I. (2004) – “O Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)”, *Era-arqueologia, revista de divulgação científica de estudos arqueológicos*, nº6, Colibri, Lisboa, p.84-105.

VALERA, A. C., NUNES, T., COSTA, C. (2010) – “Enterramentos de canídeos no Neolítico: a Fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa)”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA/ERA, Lisboa, p.7-17.

VALERA, A. C., FILIPE, V. (2010) – “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): Nota preliminar sobre um Espaço Funerário e de Sociabilização do Neolítico Final à Idade do Bronze”, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 5, NIA/ERA, Lisboa, p.49-56.

Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, do IGeoe, folha nº 509.

Carta Geológica de Portugal, folha nº8.



Arqueologia & História